



Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

10 de Novembro de 1964

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XII

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRO DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 285

VISITA PRESIDENCIAL AO DISTRITO

O Senhor Presidente da República visitou, oficialmente, o distrito de Leiria, acompanhado dos Senhores Ministro do Interior e das Obras Públicas — em algumas cerimónias estiveram presentes, também, os Senhores Ministro da Educação Nacional e Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

Mais uma vez o Supremo Magistrado da Nação foi alvo das mais carinhosas e expressivas manifestações de respeito pelas populações das terras por onde passou. Pessoas de todas as condições sociais, nas estradas ou dentro das povoações aclamaram, patriótica e vibrantemente, o Senhor Almirante Américo Thomaz que, tal como aconteceu recentemente no Ultramar, viu quanto era estimado e considerado pelo povo português.

Esta comunhão de ideais dos portugueses com o representante da Pátria foi, aliás, sublinhada pelo Chefe do Estado num discurso em Leiria.

Disse o Senhor Almirante Américo Thomaz:

« Em toda a minha vida de Chefe de Estado, tenho sido bem recebido, a mostrar que os portugueses, sejam quais forem os seus sentimentos, sejam quais forem as suas opiniões políticas, prezam, acima de tudo, Portugal, e, por isso mesmo, recebem da melhor maneira, aquele que hoje o representa. Foi aqui, tem sido em todo o continente e, graças a Deus, da melhor maneira, em Angola, em Moçambique, em S. Tomé e no Príncipe e estou certo que em qualquer outra parcela de Portugal, onde a minha presença se verificasse, seria da mesma forma. Todos receberiam o Chefe da Nação com o maior entusiasmo, a mostrar o seu amor português ».

Dirigindo-se ao Governador Civil do Distrito, o Chefe do Estado continuou:

« Senhor Governador: Não me tenho poupado a esforços para unir em torno de mim todos os portugueses e abençoados têm sido os meus esforços, porque, na verdade, tenho a compensação, nestes anos decor-

ridos, de ver quase a totalidade dos portugueses comungarem nos meus sentimentos, rodearem-me das maiores atenções. Estou certo de que a pequena minoria que escapa a este sentimento de coesão será, infelizmente, uma minoria bem pouco portuguesa, porque os verdadeiros portugueses sentem Portugal como eu o sinto e são capazes, certamente, de fazer os mesmos esforços por ele que eu tenho feito. De resto, e tenho-o dito imensas vezes, não tenho feito qualquer espécie de sacrifício, porque servir a Pátria, servir Portugal, é um dever de todo o português e para o Chefe do Estado esse dever é maior ainda ».

Esta comunhão de ideais com o Chefe do Estado só seria possível num clima de ordem, de progresso, de promoção de bem-estar, de defesa intransigente de todos os valores e parcelas da Pátria. Só seria possível seguindo a linha de rumo traçada por Salazar, que, ao renovar a Pátria lhe deu, no mundo, o lugar que tradicionalmente lhe pertence.

Esse obreiro incansável de um Portugal novo nunca é esquecido, seja em que circunstância for. E, mais uma vez, foi recordado durante a cerimónia da inauguração da escola técnica das Caldas da Rainha. E, mais uma vez o Senhor Almirante Américo Thomaz não perdeu oportunidade para prestar homenagem a esse grande português, ao afirmar:

« Referiu-se V. Ex.ª, Senhor Director, com palavras encomiásticas, mas da maior justiça, a uma pessoa sempre ausente destas cerimónias, mas sempre presente no espírito de todos nós. Guarda uma voluntária clausura ao serviço dos interesses da Pátria e será bem difícil, em qualquer época da nossa história, encontrar outro vulto capaz de tamanho sacrifício. Daqui lhe dirijo, como de outros lados o tenho feito, as minhas melhores saudações e os agradecimentos de um português, que não esquece o serviço enorme, sem limites, que ele vem fazendo a Portugal ».

A reconstrução dos lugares do Vale do Rio e Casalinho

A propósito da reconstrução das aldeias de Vale do Rio e Casalinho, destruídas pelo incêndio, que em 28 de Agosto de 1961 atingiu grande área do nosso concelho, e no passado dia 24 de Outubro inauguradas pelo Sr. Presidente da República, o Sr. Dr. Henrique Lacerda, ilustre Presidente da Câmara, elaborou um pormenorizado relatório que a seguir transcrevemos.

Tal relatório que historia com a maior clareza, as causas e consequências dessa tragédia e as providências imediatamente tomadas pelo Ministério das Obras Públicas para a remediar, é um documento merecedor de ser apreciado e convida a meditar sobre o interesse e a atenção que o Governo sempre dispensa

em transes desta natureza e no esforço desenvolvido pela Câmara Municipal para levar a efeito a consecução desta importante obra.

1. — A povoação de Vale do Rio situa-se a cerca de 7 km para o sul, da vila de Figueiro dos Vinhos, nas imediações do Rio Zêzere, próximo do extremo montante da Barragem do Castelo do Bode.

À sua continuidade com o Rio e à sua configuração orográfica foi, de certo, buscar o nome que adopta desde tempos imemoriais. E dizemos imemoriais, em virtude de se tratar de uma aldeia antiquíssima, ignorando-se a era da sua fundação, que se perde pelos séculos de antanho.

As colinas da região são povoadas de densa floresta, toda ela de particulares, na qual o pinheiro tem lugar de destacado relevo, seguido da oliveira e eucalipto; o Vale, que se situa entre a povoação e o Rio, é uma horta bastante produtiva, com seus lameiros e botarés.

Os habitantes de Vale do Rio gente simples, rude e naturalmente reservada, viviam da horta e do pinhal, granjeando naquela a base da sua alimentação (milho, hortaliças, vinho, feijão, frutas e azeite) e deste obtinham o rendimento necessário à satisfação das suas restantes necessidades. Era, portanto, gente que vivia na relativa abundância, da terra do trabalho e da economia. Era gente feliz!

2. — E neste « engano de alma ledo e cego » sempre viveram os indígenas de Vale do Rio e Casalinho, até que em 28 de Agosto de 1961 a tragédia lhes bateu à porta, abrupta e crucialmente.

O dia apresentava-se extraordinariamente quente e ao princípio da tarde começaram a avistar-se, aqui e além, dentro e fora do concelho de Figueiro dos Vinhos, múltiplos focos de incêndio, que foram imediatamente atacados e parcialmente debelados. De súbito, começa a soprar forte e quentíssima ventania Nordeste, que a todos começou a causar mal-estar e sérias inquietações.

A meio da tarde, uma viragem brusca do vento, que continuava a soprar em regime de rajadas,

Festa das ALMAS

No dia 2 do mês corrente realizou-se, nesta vila, com a tradicional solenidade, a Festa das Almas que constou de missa, sermão e da habitual romagem de fiéis, em procissão, ao cemitério.

AMIZADE PENINSULAR

Portugal e a Espanha acabam de dar expressivo exemplo de entendimento e de cooperação num mundo dividido por ódios. Os magistrados supremos das duas nações peninsulares reuniram-se para inaugurar duas barragens do aproveitamento hidro-eléctrico do Douro — dois poderosos instrumentos da paz e do progresso em que ambas se têm empenhado, e realizado, mau grado os vendavais das campanhas internacionais contra os dois povos desencadeados. Se alguém suporia que essas campanhas poderiam, de algum modo, contribuir para cisões internas ou desentendimentos entre os dois povos, teve claro desmentido nas cerimónias que reuniram os dois chefes de Estado. Por mais que procuremos não encontramos exemplo igual no mundo de hoje.

Nas cerimónias da inauguração das barragens da Bemposta e de Aldeadávila falaram os dois Chefes de Estado, cujas palavras arquivamos.

Disse o Almirante Américo Thomaz:

« Deu-nos Deus um dia maravilhoso para a inauguração destas obras majestosas de Aldeadávila e da Bemposta, com que termina o aproveitamento do troço internacional do Douro.

Estes acontecimentos, celebrados em conjunto pela Espanha e por Portugal, exprimem o entendimento completo que felizmente, existe entre os dois povos há 25 anos.

(Continua na 4.ª página)

fez galgar, das imediações de Cernache do Bom Jardim, na margem esquerda do Rio Zêzere e ainda a considerável distância deste, para a sua margem direita, um foco de incêndio que ali havia deflagrado, o qual, na sua passagem devastadora, atravessando a albufeira do Castelo do Bode, destruiu tudo o que encontrava na sua frente e a breve trecho atingia as povoações de Vale Rio e Casalinho, ameaçando seriamente as povoações de Salgueiro, Douro, Bairradas, Laranjeira, Carapinhal, Fontainhas, Enhecamas, Cabeças e Chavelho; e a própria vila de Figueiro dos Vinhos esteve em risco eminente de ser devorada pelas chamas que chegaram a menos de 500 metros do seu extremo poente (Barreiro), o que foi evitado por nova e feliz viragem de vento, já que o denodado esforço do Homem seria impotente para sustentar o ímpeto da tenebrosa barreira de lume que tudo engolia.

3. — O combate ao incêndio, que chegou a desenvolver-se numa frente de cerca de 15 km (desde as Atalaias, na freguesia da Graça do concelho de Pedrógão Grande, até às imediações da freguesia de Arega, deste concelho), foi inicialmente feito pelos Bombeiros Voluntários desta Vila e por muitas centenas de populares; depois, a solicitação do Município e através da preciosa intervenção do Senhor Governador Civil e da própria Emissora Nacional, acorreram a Figueiro dos Vinhos 14 corporações desta região e das de Leiria e Tomar (Bombeiros Municipais de Leiria e Tomar e Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pera, Ansião, Pombal, Alvalázere, Sertã, Abrantes, Proença-a-Nova, Alcanena, Marinha Grande, Torres Novas, Vieira de Leiria e Porto de Mós), e ainda numerosos destacamentos de Regimentos de Infantaria 7 e Artilharia 4, de Leiria, e da Base Aérea de Monte Real, todos tendo prestado relevantes serviços e ao esforço conjugado de todas as forças em combate se ficou devendo o domínio e progressiva extinção dos focos de incêndio, que só ao fim de três dias pôde considerar-se completamente extinto e rescaldado.

O concelho de Figueiro dos Vinhos aproveita esta oportunidade para reiterar as prestimosas Corporações de Bombeiros, aos destacamentos do glorioso Exército Português e ao heróico povo do Concelho, o seu melhor agradecimento pela abnegada e valerosa intervenção que teve para pôr termo a tão grande calamidade pública.

(Continua na 2.ª página)

VALE DO RIO E CASALINHO

(Continuação da 1.ª página)

De igual modo, e muito comodamente, o Município reafirma a sua perene gratidão às Mulheres de Figueiró, de todas as camadas sociais, que logo, voluntariamente, chamaram a si a árdua tarefa de, ao longo de três grandes dias e noites, confeccionarem e distribuírem centenas de refeições diárias aos deslocados do Vale do Rio e Casalinho, às Corporações de Bombeiros e aos Soldados do Exército, promovendo depois a angariação e distribuição de roupas àqueles deslocados, que tudo perderam. Sublime exemplo de solidariedade humana este, que, aliás, é apátnio da Mulher Portuguesa. Honra lhes seja feita!

Por último, a Câmara renova os protestos da sua mais viva gratidão a todas as Entidades Oficiais e aos Beneméritos particulares que, com seus valiosos subsídios e donativos, em muito contribuíram para minorar a infelicidade dos martirizados habitantes de Vale do Rio e Casalinho.

4. — Por virtude deste calamitoso incêndio, que destruiu por completo a pequena aldeia do Casalinho e quase por completo a importante povoação de Vale do Rio, ficaram os seus moradores sem habitação, pelo que tiveram de ser alojados de urgência no velho Convento do Carmo, em Figueiró dos Vinhos.

Do sinistro, o mais alarmante do concelho em todos os tempos, resultaram as seguintes consequências:

- a) Morreram carbonizadas duas pessoas: José Antunes Paulo, no Vale do Rio, e António David Campos, em Chavelho;
- b) Morreram carbonizados muitas centenas de animais domésticos (bovinos, suínos, caprinos, ovinos, galináceos, canídeos, etc.), no valor de mais de 100 contos;
- c) Na povoação de Vale do Rio, composta de 49 casas de habitação com 167 moradores e mais de 3 dezenas de anexos agrícolas, ardem totalmente 35 daquelas e quase todos estes, com um prejuízo computado em mais de 1500 contos;
- d) Na pequena povoação do Casalinho arderam todas as casas que compunham o agregado populacional, em número de 5 com 17 moradores, com um prejuízo computado em 150 contos;
- e) Perdeu-se todo o recheio das casas destruídas, computando-se o seu valor total num mínimo de 450 contos;
- f) Numa área de cerca de

2500 hectares arderam e ficaram completamente perdidas várias centenas de milhares de árvores (à volta de 300 000 pinheiros de corte e sangria, alguns milhares de oliveiras em plena produção e um sem número de eucaliptos e árvores de fruto), com um preço estimado em mais de 30 000 contos;

- g) Perdeu-se toda a gema de pinheiro depositada no pinhal ou a aguardar recolha, em montante não inferior a 1000 contos;
- h) Desapareceu o rendimento total do arvoredo, que antes de 30 anos não poderá refazer-se pelo que se computa o valor desse prejuízo num mínimo de 25 000 contos; e
- i) Haverá que promover o repovoamento florestal de toda a zona atingida, o qual implicará despesas não inferiores a 300 contos.

Por esta elucidativa descrição se verifica que os prejuízos totais sofridos pelos moradores das referidas aldeias e proprietários da extensa zona atingida pelo incêndio ascendem a mais de 58 500 contos, os quais se reflectem não só na geração que viveu as horas dramáticas daqueles inextinguíveis dias, como pelas gerações que lhe sucederem. Tanto basta para nos convencermos da verdadeira extensão da tragédia.

5. — Tomadas as medidas de urgência que a catástrofe, impunha elaborámos pormenorizado Relatório que foi presente ao Governo da Nação.

Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, profundamente impressionado com a extensão e consequências da tragédia, deslocou-se em 8 de Outubro de 1961 a Vale do Rio, em visita de observação e estudo. E ali mesmo, na presença dos técnicos do seu Ministério e dos da Junta de Colonização Interna, decidiu e planificou imediatamente a reconstrução das povoações destruídas, tendo no seu regresso a Lisboa, exarado em 13 do mesmo mês, duto e humaníssimo despacho, que é do teor seguinte:

«Ass.: Reparação dos estragos causados nas aldeias de Vale do Rio e Casalinho pelos incêndios ocorridos em 28 de Agosto de 1961.

- 1 — A observação pessoal feita pela ocasião da minha recente visita e a troca de impressões havida com os senhores Governador Civil do Distrito de Leiria, Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos e técnicos da Direcção-Geral dos Serviços Urbanização e da Junta de Colonização Interna, habilitam-me a equacionar o problema em epígrafe e a orientar a sua resolução pela forma que vai estabelecida no seguimento deste despacho.
- 2 — As providências a pôr em prática no plano do Estado traduzir-se-ão na assistência às autoridades locais e, em regra por intermédio destas, aos interessados directos, com vista à rápida reparação dos prejuízos materiais e reconstrução da economia das habitantes das povoações atingidas pelos incêndios.

Os pontos que reclamam a atenção dentro deste objectivo podem agrupar-se do seguinte modo.

- I — Reconstrução e reparação das casas de habitação e anexos agrícolas;
 - II — Reconstituição do recheio das habitações;
 - III — Substituição de pinhais, oliveiras, videiras, etc. e ainda espécies pecuárias diversas.
- No presente despacho apenas se fará referência às medidas relativas ao primeiro destes grupos, entendendo-se que os demais, por transcendem o domínio da competência do Ministério das Obras Públicas, serão objecto dos cuidados doutros departamentos do Estado.
- 3 — Ponderados todos os aspectos do problema — e em especial a rapidez com que é necessário actuar — assenta-se em que a reconstrução dos povoados terá por objectivo essencial a reposição do que, com importância reconhecida para a vida dos seus habitantes, existia antes do sinistro.

Procurar-se-á, porém, aproveitar a oportunidade para, sempre que economicamente possível, introduzir alguma melhoria nas condições de habitabilidade das casas à custa de medidas simples, com abertura de vãos, e outras semelhantes.

Incluir-se-ão também no programa, para ser executado em segunda urgência, por agora só na povoação do Vale do Rio, a beneficiação dos pavimentos das ruas, o abastecimento de água e a construção duma pequena Capela.

- 4 — Tendo presente a impossibilidade material da participação monetária dos habitantes nos encargos das obras a realizar e a debilidade financeira das autarquias locais, estabelece-se o princípio do financiamento integral pelo Estado das despesas a realizar com a primeira parte do programa anunciado no número anterior.

Entende-se porém implícita nesta orientação a cooperação sob todas as formas possíveis das populações interessadas, com vista a reduzir ao mínimo estritamente indispensável o encargo a suportar pelo Estado. Assim, a mão-de-obra não especializada será em princípio fornecida pelos próprios habitantes, não obstante dever-se procurar conciliar esta disposição com a possibilidade de exercício das actividades normais dos interessados.

Registe-se, por outro lado, a intenção da Secretaria de Estado da Agricultura de assegurar o fornecimento gratuito das madeiras necessárias, pelo que estas não poderão ser consideradas na ajuda financeira do Ministério das Obras Públicas.

- 5 — Verificado como está que

não é viável outra solução, os trabalhos de reparação das casas e anexos agrícolas serão executados no regime de administração directa da Câmara Municipal, com a assistência técnica e fiscalização da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Para o efeito, torna-se indispensável que o Município organize cuidadosamente o respectivo serviço, submetendo o seu esquema à aprovação do Ministério das Obras Públicas.

- 6 — A intervenção da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização será assegurada pela Direcção de Urbanização de Leiria, com a cooperação do Gabinete de Estudos da Habitação.

A equipe directamente responsável perante o Director de Urbanização de Leiria incluirá um agente-técnico da Direcção de Urbanização e um fiscal de obras, a impedir neste serviço.

Designo o arquitecto R. Borges para assegurar a cooperação do Gabinete de estudos de Habitação e a elaboração do projecto da Capela.

Serão lançadas à conta das obras, até ao máximo de 5% da despesa, os encargos da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização não cobertos pelas dotações orçamentais.

A Direcção de Urbanização garantirá pelos seus meios a assistência necessária para a reparação dos arruamentos, e abastecimento de água.

- 7 — Fixo em 600 contos o limite da despesa com a reconstrução e reparação das casas e anexos agrícolas, a liquidar segundo as normas usuais, em conta de dotação especial que farei inscrever oportunamente no orçamento do Fundo de Desemprego.

Reconhecida a necessidade de a Câmara Municipal dispor dum fundo de maneio de 200 contos em conta da referida dotação, a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização comunicará ao Comissariado do Desemprego a concessão imediata à Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos dum subsídio não reembolsável deste montante, a utilizar com dispensa de formalidades sob fiscalização da Direcção de Urbanização de Leiria, com cabimento no artigo 15.º-2 do Orçamento do Fundo do Desemprego em vigor.

- 8 — A Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização submeterá à minha apreciação no prazo de 20 dias, independentemente do começo dos trabalhos que fica desde já autorizado, o plano geral, programa e estimativa do empreendimento, facultando-me ulteriormente relatórios mensais do seu andamento.

Lisboa, 13 de Outubro de 1961

(a) Eduardo de Arantes e Oliveira

6. — Em execução do ordenado neste lapidar e decisivo des-

pacho, iniciaram-se imediatamente os trabalhos preliminares das obras, com o levantamento das plantas dos imóveis destruídos e subsequente elaboração dos projectos das novas casas, trabalho este confiado ao Gabinete de Estudos da Habitação, respeitando-se sempre as limitações de terrenos e o critério de reposição beneficiada do que existia ao tempo do sinistro. Daí que a aldeia do Vale do Rio conserve a sua primitiva traça, eminentemente rural e perfeitamente enquadrada no seu meio ambiente.

Iniciadas as obras propriamente ditas em Abril de 1962, elas não se desenvolveram de princípio com aquela celeridade que seria de desejar, mas isso deve-se sobretudo à inexistência de uma via de comunicação para transporte de materiais e à escassez de mão-de-obra, já que os bons artistas, assoberbados com trabalho nos meios urbanos, não se dispunham a deslocar-se para Vale do Rio e Casalinho, onde não teriam um mínimo de condições de vida. Daí que a mão-de-obra empregada na reconstrução, sobretudo nos primeiros tempos, tivesse sido bastante rudimentar.

Houve, por isso, necessidade de antecipar e acelerar a abertura e construção do Caminho Municipal de acesso ao Vale do Rio, já projectado e com o primeiro quilómetro aberto, mas inda não ligado ao primitivo caminho vicinal. Mas depois, com as relativas facilidades de acesso assim criadas, as obras tomaram novo incremento em fins de 1962.

7. — Reconhecendo-se, posteriormente, que a verba de 600 contos inicialmente prevista era insuficiente para fazer face aos encargos de reconstrução, Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas, em despacho de 27 de Maio de 1963, reforçou-a e concedeu verbas para arruamentos, abastecimento de água e construção da Capela a saber:

Reforço da verba para reconstrução de habitações . . .	501 contos
Verba para arruamentos	154 contos
Idem para abastecimento de águas . . .	60 contos
Idem para construção da Capela . .	116 contos
Assim, o subsídio do Estado para as obras ascendeu ao total de	1431 contos

8. — Em Outubro de 1963 podem considerar-se praticamente concluídas todas as casas constantes da previsão Ministerial, e bem assim o principal arruamento de Vale do Rio. Assentou-se nessa época, definitivamente, na origem do abastecimento de águas, que se mostrava deveras difícil de resolver em razão da quase inexistência de nascente. Optou-se pelo aproveitamento de uma boa nascente, situada a cerca de um quilómetro da povoação, numa encosta da margem direita da Ribeira da Madre, que teve de ser atravessada pela conduta adutora.

É entretanto autorizado, por antecipação, o início das obras de construção da Capela (Despacho Ministerial de 10 de Agosto de 1963), cujo projecto é da autoria do distinto Arquitecto Rui Borges, do Gabinete de Estudos da Habitação.

9. — A par das obras de construção das habitações contidas na previsão Ministerial, em número de 37, a Câmara, utilizando verbas de subsídios de particula-

(Continua na 4.ª página)

VENDE-SE

**Automóvel
de Aluguer**

PRAÇA

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Informa o proprietário

Telef. 78

TRILHO Y BLANCO

MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos - Nariz - Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9^h 30^m.**MÁRIO FALCÃO**

MÉDICO

Consultas desde as 15 horas.

Telef. 59 — AVELAR (P. F.)

Elias Tavares Cravo

MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.^o e 3.^o sábado de cada mês, às 9^h 30^m.**SEGUROS**

Efectuam-se de Pinhais e em todos os Ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos**COBRANÇAS
DIFÍCEIS**

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES

MÉDICA

CLINICA DENTÁRIA

Consultas às segundas-feiras (das 9 às 12 horas) e sábados.

Telefone 98

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

*Joaquim Alves Tomás Morgado***Advogado**

Telefone 7

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Seguros em todos os ramos

encarrega-se

SILVINO CARREIRA MARQUES

agente das Companhias

- A MUNDIAL
- DOURO
- A SEGURADORA INDUSTRIAL
- ESPANHA S. A.

TELEFONES { FIGUEIRÓ DOS VINHOS 30
CHÃO DE COUCE 1013*Luis Frias Fernandes*

Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEFONE 38

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade

Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O MELHOR PÃO-DE-LÓ

É O DA

CONFEITARIA Santa LuziaDE *A. C. Campos*

TELEFONE 129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CASAMENTOSe V. Ex. deseja uma moderna e bonita colecção fotográfica com provas rápidas, entregue a reportagem fotográfica do seu casamento a **J. Fernandes**, ex-proprietário da Foto-Rubi de Lisboa e Foto-Lusarte de Aveiro, actualmente na **Rua Neutel de Abreu** (ao Barreiro) **Figueiró dos Vinhos** — Telefone 56**FRANGOS DE CARNE**

20\$00-Kg-P. V. — entregas semanais

Aviário Valbom — Pedrógão Grande

Assine este Jornal**Automóveis
Ligeiros e Pesados****USADOS**Compra, vende e troca
nas melhores condições*José Velhada de Assunção*

TELEFONE 53

FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Diploma honroso e Industrial de Leiria, Medalha d' Ouro na que teve lugar em Exposição Agrícola e Setembro de 1916

Foi sempre o
melhor desde
1890...e ainda não deixou
de o ser!...

Telefone 50

ATENÇÃO**ALUGA-SE UMA MORADA**no 1.^o andar/Direito, por cima do Café Avenida, ao Barreiro.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário

JOAQUIM DA SILVA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS**EM AVELAR**por motivo de retirada **Trespassa-se** CASA DE VINHOS E PETISCOS bem situada num dos melhores locais desta vila, bem afreguesada e com habitação.

Quem pretender pode dirigir-se ao seu proprietário

Alberto Simões Rosa
Telefone 64 (rede Avelar)**M. TEIXEIRA**

SUCESSOR DE

Soç. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS — AGENTE DA «ROBIALAC»

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone 55

Volkswagem

Série 19 em muito bom estado, vende o seu proprietário por motivo de doença.

Informa esta Redacção.

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite.

Ficará bem servido.

Leia e divulgue este jornal

